RURAL URBANO
revista científica>
UFPE UFRPE

O CAMPO NA CIDADE: A PERMANÊNCIA E A RECRIAÇÃO DE SUBESPAÇOS RURAIS NO PERÍMETRO URBANO DE CAMPINA GRANDE-PB

Sonale Vasconcelos de Souza,
UEPB - Campus III/Guarabira
sonalegeo@gmail.com

RESUMO

A pesquisa analisou a relação cidade-campo, buscando compreender a existência e a (re) produção de subespaços rurais no interior da malha urbana da cidade de Campina Grande-PB. Ao longo da pesquisa, realizaram-se trabalhos de campo, com a intenção de observar, registrar e investigar as áreas com estabelecimentos agropecuários na cidade e foram consultados os dados e as informações sobre atividades agropecuárias nas instituições governamentais. Verificou-se que, mesmo com a intensificação do processo de urbanização em Campina Grande, os costumes e as atividades rurais permanecem sendo constantemente adaptadas à realidade citadina, devido ao desejo das pessoas de reproduzirem um modo de vida semelhante ao que vivenciaram no campo.
Palavras-chave: Cidade; Campo; Subespaços rurais

ESPAÇO CONCEBIDO X ESPAÇO VIVIDO: O MODO DE VIDA RURAL NA CIDADE

Sabemos que a cidade consiste num local concentrado, em que as pessoas vivenciam uma rotina diária muito corrida, motivada pela realização de atividades controladas pela lógica urbana e impostas pelo horário do relógio e do trabalho. Contudo, o objetivo aqui é mostrar a existência de atividades rurais dentro do perímetro urbano de Campina Grande e destacar a importância dessas atividades no cotidiano de quem às pratica.

Embora seja comum as instituições públicas não considerarem a existência de atividades rurais dentro do perímetro urbano, encontramos em muitas cidades brasileiras a permanência de hábitos e atividades característicos do campo. Em Campina Grande, ao andar pela cidade, podemos observar várias paisagens que retratam um modo de vida do campo: pessoas cavalgando pelas ruas; carroças

sendo utilizadas para transportar alimento do gado; animais pastando em vazantes; estabelecimentos como currais, cocheiras e chiqueiros; pessoas cuidando do gado ou tirando leite de vacas; plantações de capim; resquícios de antigas fazendas; pessoas adestrando cavalos; etc.

A área coberta pela rede de alta tensão é uma das áreas onde visualizamos essas paisagens, essa área abrange uma superfície inadequada para edificação e ocupação urbana. Em Campina Grande, abaixo dessa rede visualizamos em vários trechos atividades que passam despercebidas no cotidiano da maioria dos moradores da cidade, isso ocorre justamente porque tais atividades consistem em práticas espaciais não características da cidade, mas da realidade e do cotidiano vivenciado no modo de vida rural.

Algumas pessoas encontraram nesse local a possibilidade de manter tais atividades, apropriando-se e delimitando a área em pequenas posses, mantendo "ilhotas de ruralidade" (LEFEBVRE, 2001) ou "subespaços rurais" (MAIA, 1994) na cidade. Entendemos a (re) produção dos "subespaços rurais" encontrados na cidade de Campina Grande com base no conceito de "espaço vivido" (apropriado) elaborado por Lefebvre (2008, 1991) e utilizado por alguns geógrafos, entre eles: Damiani (2008) e Maia (2000). Esse conceito elaborado por Lefebvre compõe a tríade: "espaço concebido, espaço vivido e espaço percebido".

Entendemos por espaço concebido aquele construído a partir de estratégias econômicas e políticas, em que governantes e administradores elaboram modelos abstratos, distantes do real e reguladores das práticas sociais; já o espaço percebido consiste nas representações elaboradas por meio da percepção da produção social do espaço; e o espaço vivido é aquele que os habitantes produzem, mesmo delimitados pelo espaço imposto ou concebido, é, portanto, o espaço das práticas espaciais.

As práticas rurais encontradas em Campina Grande não são produzidas de maneira legalizada, nem são levadas em consideração no planejamento da cidade, mas são realizadas com base nas necessidades cotidianas e por um modo de fazer e de pensar que se contrapõem à lógica de produção que ali existe. Portanto, as áreas que mantêm atividades rurais na cidade se constituem como um "espaço vivido", pois ocorrem devido à "apropriação" da cidade, que é planejada e concebida como um lugar inadequado para o desenvolvimento de atividades agropecuárias.

Os subespaços rurais encontrados nas cidades são mantidos e produzidos por uma parcela da população que se apropria de terrenos ainda não edificados. Esses subespaços rurais podem ser compreendidos como "espaço vivido", pois são espaços criados e usados ao invés de apenas consumidos. Embora "espaço concebido" e "espaço vivido" sejam movidos por lógicas diferentes, eles compõem as duas faces da mesma moeda e consistem em diferentes maneiras de produzir em um único processo: "a produção do espaço social". Esses espaços estão sobrepostos de maneira que ora o concebido se sobrepõe ao vivido, ora o vivido se sobrepõe ao concebido.

Consideramos os subespaços rurais como "espaços dominados e apropriados", pois Lefebvre (1991) ao explicar a relação entre espaço concebido e espaço vivido, afirma que os espaços concebidos são dominantes, visto que dominam o processo de produção do espaço, conduzidos pelo modo de produção e pelas classes hegemônicas. Em contrapartida, os espaços vividos são dominados, subordinados à lógica dominante. No entanto, o referido autor ressalta que eles podem ser apropriados e se destacar por manter uma lógica oposta à dominante.

Certeau (1994) destaca que o poder dominante, exercido pela modernidade científica, política ou militar, delimita para cada prática social um "lugar próprio" de realização, ou seja, para cada atividade, é atribuído um espaço apropriado e delimitado. Assim, podemos pensar na cidade e no campo, respectivamente, como áreas voltadas separadamente para a realização de atividades urbanas e rurais.

No entanto, o autor mencionado lembra que, no estudo das práticas sociais, não é tão simples classificá-las ou delimitá-las, pois existem as "modalidades da ação". Em outros momentos, Certeau (1994) também chama de "maneiras de fazer ou estilos de ação" os diferentes usos realizados sobre determinado espaço (cidade, rua, etc.) ou sistema de representação (língua, meios de comunicação, etc.).

Entendemos, então, a cidade como um espaço regulamentado para as práticas urbanas. Contudo, destacamos que é necessário verificar, em determinadas áreas, práticas cotidianas que podem ser consideradas "estilos de ação" diferentes daqueles relacionados à cidade, a exemplo das atividades agropecuárias. Essas maneiras de fazer e de produzir na cidade revelam um uso e uma forma de vivenciar o tempo e o espaço muito divergente da maneira predominante de viver na cidade.

Embora não tenham poder de decisão sobre a área urbana, as pessoas que mantêm atividades rurais em áreas citadinas apresentam um grande desejo de conservar determinados costumes rurais e não abrem mão do que gostam de fazer e do modo como gostam de viver, portanto, diariamente, lutam por sua sobrevivência na cidade, a partir de uma lógica contrária à empreendida nesse espaço.

Os subespaços rurais encontrados na cidade apresentam hábitos e atividades que não são próprios dos locais onde estão estabelecidos, como também são mantidos diante de adversidades existentes na cidade. Geralmente, esses subespaços apresentam-se como resíduos que são mantidos em áreas voltadas para a expansão urbana e em áreas não edificadas da cidade. Algumas dessas áreas urbanizadas não edificadas correspondem às áreas de proteção ambiental (vazantes de rios ou riachos), aos terrenos que estão à espera de valorização ou às áreas abaixo das linhas de alta tensão.

AS PRÁTICAS RURAIS PRESENTES SOB A REDE DE ALTA TENSÃO DA CHESF

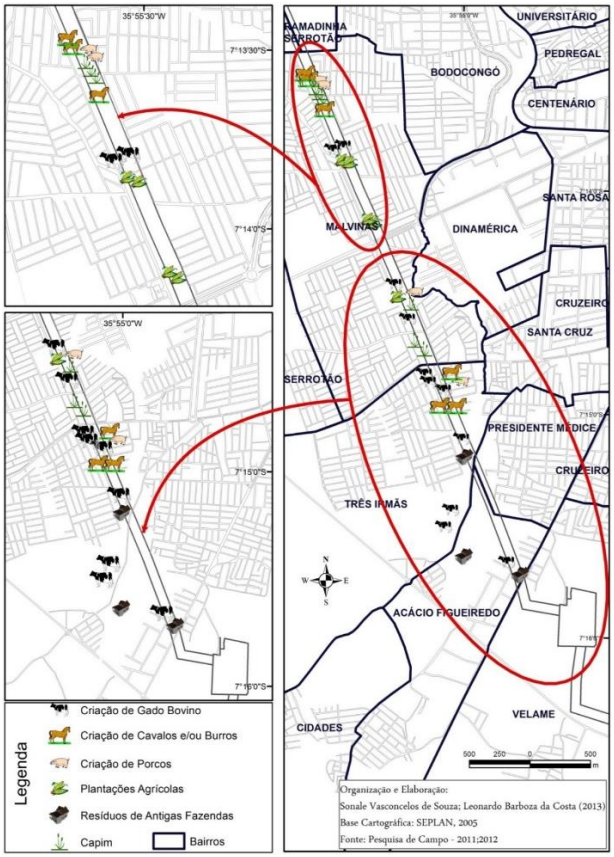
A rede de alta tensão, dentro do perímetro urbano de Campina Grande, desdobra-se em 12 quilômetros e percorre, na direção norte-sul, parte de vários bairros da zona sudoeste da cidade. Esses

bairros, atualmente, localizados em áreas afastadas do centro da cidade, há trinta anos, na década de 1980, quando se intensificou o crescimento urbano, apresentavam características muito mais rurais que urbanas. Em várias entrevistas, verificamos que, no início da ocupação urbana, a paisagem rural era muito presente.

Além disso, a instalação das torres e da rede de alta tensão, no final da década de 1950, foi anterior à expansão da malha urbana na área, uma vez que abrangeu antigas propriedades rurais. Tais informações nos ajudam a compreender a permanência de resquícios de antigas fazendas e sítios na área investigada em meio à cidade construída.

No entanto, não encontramos apenas resíduos de propriedades rurais, pois também é muito significativa a apropriação de terrenos para a realização de atividades agropecuárias. Isso ocorre, entre outros fatores, devido às condições favoráveis no local: área não edificada e terrenos com presença de vazantes. Portanto, a área aberta sem edificação e o terreno encharcado propiciam a criação de animais devido ao crescimento e à manutenção do pasto – fonte básica utilizada para alimentar o gado – e a plantação de culturas regionais.

Mapa: Atividades rurais identificadas sob a rede de energia da CHESF



*OBS: Com relação à simbologia utilizada no mapa, é importante destacar que cada animal representa um criador de gado ou um estabelecimento pecuário, cada milho indica um agricultor e cada planta verde significa uma área com plantação de capim que geralmente é utilizada para alimentar o gado.

Assim, ao longo da área coberta pela rede de alta tensão, durante os trabalhos de campo, identificamos e mapeamos várias atividades, a saber: criação de gado bovino, de animais utilizados para cavalgar e como tração e de suínos, além de pequenas plantações agrícolas (mapa acima).

É interessante enfatizar que essas atividades rurais são mantidas na cidade devido às necessidades econômicas e/ou ao desejo das pessoas de realizá-las. Contudo, embora algumas pessoas sobrevivam da produção rural na cidade, praticamente todas elas as mantêm pela vontade de realizá-las, por prazer ou para manter um costume.

As criações de gado ocorrem em sobras de antigas propriedades rurais ou em pequenas posses delimitadas sob a rede de alta tensão. Os terrenos onde existem essas criações variam bastante de tamanho. Verificamos que há duas propriedades rurais sob a rede de alta tensão com áreas que ultrapassam 5 hectares. Uma delas, segundo informações dadas pelos empregados do proprietário, tem uma área de, aproximadamente, 30 hectares e, frequentemente, recebe propostas de pessoas interessadas em comprá-la; a outra está localizada entre as instalações da CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) e o aeroporto, em uma área onde a ocupação urbana não pode ser adensada. As demais criações se dão em pequenas áreas, que variam em torno de 1 hectare, como podemos visualizar nas fotos 1 e 2, a seguir:

Foto 1: Criação de gado em curral sem cobertura localizado ao lado da Rua dos Avelozes no Bairro Malvinas; Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2012, Sonale Vasconcelos de Souza.

Foto 2: Curral ao lado da moradia do criador, numa posse localizada no Bairro Três Irmãs; Fonte: Trabalho de campo, maio de 2012, Sonale Vasconcelos de Souza.

Embora as atividades rurais representem fonte de renda, identificamos que as pessoas não criam gado apenas pela necessidade econômica, mas o principal motivo para manterem essa prática é o desejo de trabalhar fazendo o que gostam e que aprenderam desde criança. Por meio das entrevistas, percebemos que a maioria dessas pessoas, em algum momento, já trabalhou ou ainda trabalha em outras atividades na cidade. Contudo, apesar de morar na cidade e exercer atividades urbanas, elas nunca abandonaram o gosto pela vida rural.

Alguns entrevistados disseram que já chegaram a criar gado no fundo do quintal de suas moradias. É o que expressa o Sr. Antônio: "Trabalhei 5 anos de barbeiro pra completar a feira dos meninos, trabalhava de pedreiro, de barbeiro e criava gado, toda vida eu criei no quintal da casa, ali na Rosa Cruz eu criava duas vacas no quintal da casa, pra ter o leite dos meninos [...]" (Sr. Antônio, 01/08/2012).

Supomos que a divisão do tempo de trabalho com outras atividades ocorre porque a criação de gado é muito onerosa, sobretudo na cidade, já que o gado é criado preso, como os entrevistados falam num "hotel". Assim, embora o capim das vazantes ajude na alimentação, os criadores disseram que é necessário acrescentar outras fontes de alimento, por isso, alguns afirmaram trabalhar para manter o gado.

Foto 3: Criação doméstica de porcos que serve como complemento na renda. Esta criação está localizada, sob a rede de alta tensão, no Bairro Ramadinha; Fonte: Trabalho de campo, agosto de 2012, Sonale Vasconcelos de Souza.

As criações de suínos, como exemplo na foto 3, são encontradas em vários bairros por onde passa a rede de alta tensão, principalmente naqueles mais adensados, como Ramadinha, Malvinas e Três Irmãs. Se levarmos em consideração a alimentação dos porcos, essas criações são uma atividade de fácil manutenção na cidade, pois esses animais são alimentados, basicamente, com a "lavagem"[1] obtida nas residências da vizinhança dos criadores. Em geral, essa atividade está relacionada ao acréscimo na renda das famílias, já que são desenvolvidas para ter um complemento com a comercialização dos animais na cidade.

Verificamos que as atividades agrícolas existentes na área investigada constituem uma prática voltada para a subsistência, porque o que é produzido é direcionado para a mesa da família dos produtores, ainda que, às vezes, parte da produção seja doada a algum vizinho ou amigo. As plantações são desenvolvidas em terrenos com cerca de 1 hectare e caracterizam-se pela policultura regional, logo, contêm raízes, vegetais e frutas como: batata-doce, feijão (ver foto 4), fava, jerimum, milho, coentro, tomate, banana, acerola, melancia, etc.

[1] Restos de comida utilizados para alimentar os porcos.

Foto 4: Plantações em área debaixo da rede de alta tensão no Bairro Malvinas; Fonte: Trabalho de campo, agosto de 2012, Sonale Vasconcelos de Souza.

É importante salientar que a produção agrícola, embora seja utilizada como complemento na alimentação da família dos produtores, não é desenvolvida por causa da necessidade econômica, mas pelo prazer que esses produtores sentem de trabalhar com a agricultura.

Todos os entrevistados viveram, durante a infância, em propriedades rurais de Campina Grande ou de municípios das regiões do Agreste paraibano e da Borborema, onde aprenderam a cuidar de animais e a trabalhar na agricultura com os pais, ainda muito pequenos. Logo, mesmo tendo vindo para a cidade por motivos diversos, não conseguiram deixar a vontade e o gosto pelo modo de vida rural.

Até por volta dos anos 1960, o núcleo urbano de Campina Grande era concentrado e compacto, e a malha urbana crescia lentamente e de modo disperso. Na área periférica da cidade e nas proximidades da linha de transmissão de energia da CHESF, havia muitas fazendas, sítios e roçados. Atualmente, os terrenos não edificados localizados nessa área estão sendo loteados, e a infraestrutura urbana está sendo ampliada, portanto, cada vez mais é difícil e custoso manter o gado e as plantações. Em contrapartida, todas as pessoas, sem exceção, durante as entrevistas, afirmaram que pretendiam continuar com as atividades rurais porque gostavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto e no que refletimos a partir dos trabalhos de campo, chegamos à conclusão de que esses criadores não se veem fazendo outra coisa, pois afirmam que "a lida com o gado e com o mato", aprendida ainda na infância com os pais, são atividades que lhes dão satisfação. Assim, embora alguns, em determinado momento, tenham desempenhado funções urbanas, não

esqueceram e não abandonaram as práticas, os costumes característicos do modo de vida rural, apesar de alterações e adaptações à vida na cidade.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.**Petrópolis: Vozes, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano: antologia preparada por Mario Gaviria**. 4ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

MAIA, Doralice Sátyro. Hábitos rurais em vidas urbanas. In: Amélia Luísa Damiani; Ana Fani Alessandri Carlos; Odette Carvalho de Lima Seabra. (Org.). **O espaço no fim do século: a nova raridade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1999. p. 214-220.

MAIA, Doralice Sátyro. **O campo na cidade: necessidade e desejo (Um estudo sobre subespaços rurais em João Pessoa-PB)**. 1994. 208 f. Dissertação (Mestrado) – Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 15 de dezembro de 1994.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB**. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.